



"MENINAS COM CIÊNCIA: ENCORAJANDO E RECONHECENDO AS MULHERES NA CIÊNCIA"

DOI: 10.37702/2175-957X.COBENGE.2025.6411

Autores: BIANCA CABRAL CALDEIRA, ALICE CRISTINA FIGUEIREDO, IARA ALVES MARTINS DE SOUZA, WILK DIEGO CORCINI

Resumo: O trabalho nomeado "Meninas com Ciência: Encorajando e Reconhecendo as Mulheres na Ciência" trata das discrepâncias de gênero nas áreas de ciência, tecnologia, engenharia e matemática (STEM), enfatizando a pouca representatividade feminina nessas áreas no Brasil e no mundo. Amparado em bases estatísticas e leis significativas, a pesquisa avalia o efeito de estereótipos de gênero e desigualdades sociais na decisão e continuidade das mulheres nos campos científicos e tecnológicos. Através do projeto "Meninas com Ciência", novas ações foram efetuadas para proporcionar a equidade de gênero e consolidar o protagonismo feminino na ciência, englobando pesquisa, ensino e extensão. Os resultados expõem a demanda de políticas organizacionais para diminuir os desequilíbrios de gênero, abrangendo sistemas de controle, projetos de mentoria e adição de tópicos sobre disparidade nos currículos acadêmicos. O artigo inferiu que iniciativas como o "Menina na ciência" são fundamentais para expandir.

Palavras-chave: Encorajamento, STEM, Formação, Engenharia.

“MENINAS COM CIÊNCIA: ENCORAJANDO E RECONHECENDO AS MULHERES NA CIÊNCIA”

1 INTRODUÇÃO

Apesar dos avanços significativos nas últimas décadas, as mulheres ainda estão sub-representadas em muitas áreas, principalmente na ciência, tecnologia, engenharia e matemática, a chamada área STEM, em língua inglesa. A disparidade de gênero não é apenas uma questão de injustiça social, mas também representa uma perda significativa de talento e potencial criativo para a sociedade como um todo. Portanto, é crucial que medidas sejam tomadas para promover o engajamento e empoderamento das mulheres e meninas nesses campos, garantindo uma representação equitativa e diversificada na ciência. De acordo com dados do Unesco Institute for Statistics (UNESCO, 2018), as mulheres continuam sub-representadas em áreas como engenharia, produção industrial e construção, onde ocupam apenas cerca de 27% das vagas, o menor índice entre os campos avaliados. Em contrapartida, a participação feminina é significativamente maior em cursos das áreas de educação e saúde e bem-estar, alcançando 71% e 68%, respectivamente, conforme evidenciado em um estudo que envolveu 100 países.

Trabalhos atuais como de Charlesworth & Banaji, (2022), ampliam que a baixa representação das mulheres em STEM não advém apenas de dificuldades estruturais, como também de condições culturais e psicológicas, inserindo estereótipos de gênero e a falta de referências femininas na área. Essas condições têm uma consequência direta no auto entendimento de habilidades das mulheres em matérias vistas como masculinas, diminuindo sua atuação e insistência nessas áreas.

Considerando este contexto, o artigo é oriundo do projeto “MENINAS COM CIÊNCIA: Encorajando e Reconhecendo as Mulheres na Ciência” adota uma abordagem holística, integrando pesquisa, ensino e extensão, na temática “Ações Afirmativas e de Educação em Direitos Humanos” buscando apoiar ações afirmativas que sejam capazes de promoverem ações direcionadas aos direitos humanos, vinculados a uma educação inclusiva promovendo a busca pela equidade de gênero. Buscando desta forma preconizar as orientações da Lei 12.288, de 20 de julho de 2010; Lei 12.990, de 9 de junho de 2014.

Ressaltando que o artigo buscou atender as orientações da Organização das Nações Unidas (ONU) em três Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 4,5 e 10, além de atender as orientações da Lei 12.288, de 20 de julho de 2010; Lei 12.990, de 9 de junho de 2014. Buscando identificar a participação feminina na ciência, promovendo o protagonismo das mulheres no ambiente universitário. Além disso, buscou desenvolver estratégias que contribuam para a redução das disparidades de gênero, estimulando a inserção e a valorização das mulheres nas diversas áreas do conhecimento, especialmente naquelas historicamente marcadas pela predominância masculina.

O artigo oriundo do projeto teve como objetivo central diagnosticar a realidade local quanto à participação feminina na ciência, promovendo a valorização e a visibilidade do protagonismo de meninas e mulheres nas áreas científicas. Busca-se destacar as contribuições das mulheres cientistas, tanto em descobertas quanto em posições de liderança, de modo a inspirar novas gerações e fortalecer modelos de sucesso feminino. Entre as estratégias, incluem-se ações para reduzir as disparidades de gênero na carreira acadêmica e profissional, consolidar uma agenda institucional em defesa da equidade de gênero e das relações étnico-raciais, além de ampliar a divulgação do projeto nas escolas de Itabira-MG, nas redes sociais e na mídia local. Espera-se, com isso, aumentar a representatividade

feminina na ciência, reduzir desigualdades, fortalecer a produção científica e tecnológica, além de estimular o surgimento de novas lideranças femininas, contribuindo para uma sociedade mais justa, inclusiva e inovadora.

2 A MULHER NA CIÊNCIA: NO CONTEXTO HISTÓRICO

O avanço da escolarização das mulheres é recente e acontece a partir da segunda metade do século XX. Historicamente, reservadas as tarefas de cuidado, suporte às famílias e longe dos espaços públicos, de tomadas de decisão, o acesso à educação das mulheres acompanhou essa tendência. Entretanto, ao longo do século XX, o avanço da escolarização das mulheres foi ocorrendo de modo que hoje, no Brasil, as mulheres têm mais escolaridade que os homens e estão em maior presença no ensino superior. Embora o avanço da educação formal das mulheres e sua crescente participação no mercado de trabalho, elas continuam ocupando campos de menor valorização.

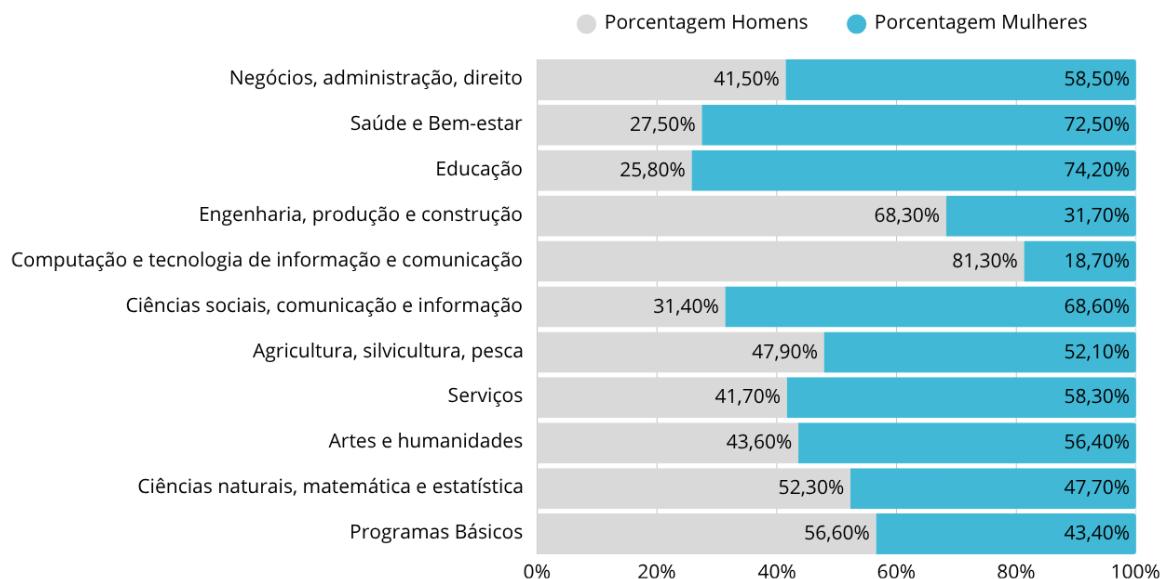
As escolhas profissionais refletem a divisão sexual do trabalho que tende a direcionar as mulheres para o âmbito privado, do lar e do cuidado, associada a ideia de *soft* e os homens ao espaço público, relacionado à representação de força e poder, *hard*. Assim, embora não haja restrição formal à participação de mulheres nas carreiras das áreas STEM, os estereótipos de gênero direcionam as mulheres para áreas ditas femininas relacionados ao cuidado, e os homens são mais estimulados a buscar carreiras relacionadas à ideia de força, poder e prestígio.

A construção de sentidos da feminilidade guarda relação com a noção de cuidado, maternidade e domesticidade, configurando a “economia política dos afetos” e essa economia por sua vez se configura por meio da perpetuação da divisão sexual do trabalho que cria hierarquias de gênero ¹(Biroli, 2018). É neste contexto que a presença das mulheres nas áreas STEM tem sido historicamente sub-representação e, apesar dos avanços, ainda enfrenta desafios significativos em termos de igualdade de gênero, oportunidades e reconhecimento.

No Brasil, seguindo a tendência mundial, as mulheres se concentram nos campos de Educação, Linguagens, Artes e Saúde, enquanto os homens se concentram nas Engenharias, Matemática, Negócios e Ciências. Conforme último Censo da Educação Superior (2023), divulgado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), as mulheres representam 74,20% das matrículas nos cursos de educação, 72,50% nos cursos das áreas de saúde e bem-estar. De outro extremo, tem-se 31,70% de mulheres em cursos da área de Engenharia, produção e construção e 18,7% na área de computação e tecnologia de informação e comunicação.

¹ Enquanto sexo se relaciona à condição biológica, dada pelo nascimento, compreende-se aqui gênero como resultado de uma construção social que delega papéis sociais diferenciados e hierarquizados (Biroli, 2018; Flontino, 2016).

Gráfico 1: Distribuição de matrículas de homens e mulheres na educação superior, conforme Censo da Educação Superior - 2023



Fonte: Schwartzman (2025)

As STEM não apenas limitam o potencial criativo e inovador da ciência, mas também perpetua desigualdades sociais e econômicas já que: "... a pouca incursão feminina na educação das áreas STEM e, conseqüentemente, nas carreiras e setores da chamada 'indústria 4.0' representa o alijamento potencial de sua condição de empregabilidade e geração de renda" (Francisco, 2021, p. 24). Reconhecendo essa realidade, o projeto buscou fomentar a discussão acerca da implementação de ações afirmativas destinadas a promover e apoiar a participação das mulheres e meninas na área STEM, buscando criar um ambiente mais inclusivo e equitativo.

A luta das mulheres por igualdade de direitos é uma trajetória que atravessa séculos e continua a se refletir em diferentes dimensões da sociedade contemporânea. No Brasil, reconhecido como um dos países com maiores índices de desigualdade social, as barreiras enfrentadas pelas mulheres são amplificadas por fatores como classe, raça, território e gênero, realidade também observada em outros países da América Latina (JELEIN, 2018). Durante as décadas de 1970 e 1980, o cenário foi marcado por intensas mobilizações sociais, com reivindicações por trabalho, terra, saúde e moradia, evidenciando que os direitos humanos são fundamentais para a consolidação de uma sociedade democrática (GOHN, 2007). Foi nesse período que a luta feminina ultrapassou os limites da questão de classe, assumindo um caráter coletivo e interseccional, com foco no reconhecimento das diferentes formas de exclusão. No campo da ciência e da tecnologia, essa desigualdade permanece evidente. As mulheres, apesar de suas contribuições históricas e científicas, continuam sub-representação nas áreas de ciência, tecnologia, engenharia e matemática (STEM). No caso específico da engenharia, o desequilíbrio de gênero é ainda mais acentuado. Como destaca Machado (2022, p. 25), as desigualdades sociais presentes no Brasil afetam diretamente as oportunidades de inserção das meninas nessas áreas e limitam, de diversas formas, as possibilidades de ascensão profissional de mulheres engenheiras e cientistas.

Na sociedade, tornou-se arraigada a associação de uma série de dualismos aos gêneros masculino e feminino, vinculando a noção de que determinadas qualidades são inerentes aos homens, enquanto suas contrapartes são tidas como características típicas das mulheres. De acordo com Silva e Ribeiro (2014, p. 457). Discutir os espaços sociais que os sujeitos devem e podem ocupar de acordo com o seu sexo, é resultado de uma visão

dicotômica naturalizada, que rotula razão, objetividade, raciocínio lógico como “masculinos”, e sentimento, subjetividade, doação, cuidado como “femininos”, e que, portanto, estão subjacentes à exclusão das mulheres de determinadas áreas científicas, tais como a Física e a Engenharia. Os cursos de Engenharia são majoritariamente masculinos. Há diferenciações entre as diferentes áreas de engenharia, sendo que as desigualdades de gênero são mais intensas nas áreas tecnológicas e de maior prestígio, que levam a maior rentabilidade econômica dos diplomas. Diante desse cenário, as ações afirmativas têm emergido como uma abordagem fundamental para promover a equidade de gênero e a diversidade na ciência.

A Organização das Nações Unidas (ONU) desenvolveu 17 metas para o desenvolvimento sustentável (ODS), que destacam em uma delas a necessidade mundial sobre o alcance da igualdade de gênero. Em síntese, é importante compreender que as pessoas não se distribuem aleatoriamente pelos diferentes cursos e áreas, sendo que essas escolhas são resultadas de construções sociais múltiplas, relacionadas a questões objetivas, como origem social, modos de socialização e acessos a diferentes tipos de capital, sobretudo o cultural, social e econômico, sendo o gênero uma dessas variáveis (Flontino, 2016). Somada a questão de escolha por áreas mais ou menos valorizadas, há que se considerar também que mesmo entre aquelas que optam pelos campos de maior prestígio e possibilidade de retorno financeiro, para a construção de suas carreiras as mulheres percorrem um labirinto de cristal, porque enfrentam inúmeros obstáculos para se desenvolver na carreira, e precisam enfrentar o teto de vidro, dificuldades de alcançar os postos mais elevados na carreira (Flontino, 2016). Portanto, para alcançar uma maior representatividade de gênero nas áreas STEM ações precisam ser estruturadas e devem envolver desde a escolha dos cursos, a permanência na vida universitária e a uma mobilização no mercado de trabalho. Um longo caminho a ser seguido e o projeto Meninas com Ciência é uma tentativa de contribuição para a redução das desigualdades de gênero.

3 METODOLOGIA

Para atingir os objetivos propostos, identificar a participação feminina na ciência, promover o protagonismo feminino na universidade e desenvolver estratégias para reduzir disparidades de gênero, a metodologia adotada foi baseada em uma abordagem mista, combinando métodos quantitativos e qualitativos, organizados em três etapas principais.

Etapas 1 – Levantamento e Diagnóstico Situacional: Foi feita a revisão bibliográfica, o levantamento de estudos e dados nacionais e internacionais sobre a participação feminina na ciência e no ensino superior. Mapeamento de dados institucionais, através de coleta e análise de indicadores da própria universidade, como número de mulheres em cursos, cargos de liderança, participação em projetos de pesquisa e publicações científicas. Por fim, a aplicação de questionários e entrevistas online e entrevistas semiestruturadas com alunas, pesquisadoras e professoras para identificar barreiras enfrentadas e oportunidades percebidas.

Etapas 2 – Intervenção e Ações de Promoção através de oficinas e rodas de conversa e realização de atividades voltadas ao empoderamento feminino, como palestras com cientistas convidadas, workshops de liderança e discussões sobre equidade de gênero, campanhas de visibilidade, criação de campanhas institucionais para destacar a presença e o trabalho de mulheres cientistas dentro da universidade. Além de mentoria e rede de apoio, através da implementação de programas capaz de conectar alunas com pesquisadoras experientes, incentivando o desenvolvimento acadêmico e profissional.

Etapas 3 – Monitoramento e Avaliação de Impacto à análise de resultados é um movimento constante que tem como objetivo avaliar os resultados já obtidos e implementar

ações de acordo com os indicadores de participação e percepção sobre gênero na ciência através do feedback.

4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Como resultados obtidos na primeira fase, o mapeamento de dados institucionais, indicou que embora não encontrado dados públicos específicos de gênero na Universidade, pode-se inferir a partir de informações institucionais, que a UNIFEI é uma universidade eminentemente tecnológica, com ênfase em Engenharia, com tudo nos eventos proporcionados como simpósios, iniciação científica e projetos de extensão as participantes mulheres compõem grande parte das mesas-redondas e apresentações, sinal de presença ativa, mas sem dados numéricos. Pode-se observar que projetos e eventos já incorporam discussão de gênero, mas sem monitoramento quantitativo sistematizado.

Alguns pontos de atenção foram identificados, embora haja presença em eventos e IC, menos de 30 % das alunas nas áreas técnicas STEM, o que indica forte disparidade de gênero. No cerne dos cargos de liderança acadêmica de alto nível ainda tende a ser masculina, conforme tendência nacional.

Durante a segunda fase do projeto, foram propostas mesas redondas que abordassem aspectos importantes dentro do contexto, como: “Força feminina na engenharia e a dupla jornada de mãe e profissional” e “Empoderamento e resistência: mulheres negras nas engenharias” a Figura 1 representa uma das rodas de conversa.

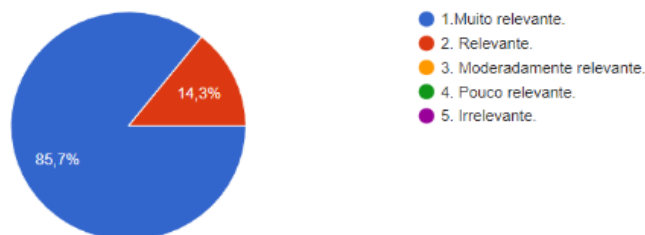
Figura 1 – “Força feminina na engenharia e a dupla jornada de mãe e profissional”.



Fonte: Autores (2024)

Os participantes avaliaram os eventos por meio de um questionário semiestruturado. Das questões respondidas, ressaltamos que 100% dos participantes avaliaram a temática como muito relevante. Em relação à metodologia utilizada, podemos observar no Gráfico 2 que os resultados indicaram que espaços como a Roda de Conversa sobre a temática "Mulheres e Meninas na Ciência e na Engenharia" são muito relevantes ou relevantes para a formação acadêmica, sendo capazes de promover uma reflexão conjunta, alinhando-se aos resultados de Melo e Cruz (2014), que abordam a importância da manifestação em grupos.

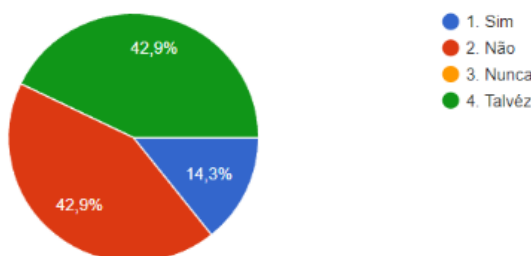
Gráfico 2 – Roda de conversa como metodologia.



Fonte: Autores (2024)

Quanto à pergunta se o curso de Engenharia sempre foi a primeira opção, podemos observar no Gráfico 3 que apenas 14,3% tinham certeza de suas escolhas.

Gráfico 3 – A escolha da carreira nas engenharias.



Fonte: Autores (2024)

De acordo com Lima et al., (2017), a decisão sobre a escolha de uma carreira pode ser influenciada por fatores étnicos, sociais, econômicos, familiares, pessoais e de gênero. Analisando o gráfico acima, nota-se que 42,9% não consideravam os cursos de Engenharia, embora estejam cursando essa área. Podemos refletir, então, sobre o que pode ser feito pela instituição para aumentar o número de discentes na Engenharia e apoiá-las durante sua jornada universitária. Essa questão foi abordada no questionário de avaliação do evento, com algumas sugestões a seguir. Por questões éticas, os participantes não foram identificados, foram adotados letras e números para identificá-los, como, estudante um (E1).

“Centros de apoio com mais visibilidade, em especial para as alunas que são mães.” (E1)

“Como mencionamos no evento, melhorias na estrutura física do campus, como, por exemplo, alojamentos, refeitórios com preços mais acessíveis e um centro de acolhimento para alunos e servidores mães, poderia auxiliar com filhos em períodos de amamentação, são ações que certamente possibilitaram a permanência na jornada e poderiam encorajar mais alunos.” (E6)

“Melhorar a divulgação, ter mais projetos com a participação de mulheres e dar mais visibilidade à participação delas.” (E12)

Dessa forma, podemos concluir que a metodologia utilizada, como a Roda de Conversa, é importante para promover debates relevantes capazes de abordar temas sensíveis, gerando dados e informações para novos rumos de uma universidade mais inclusiva.

Além das atividades específicas do projeto, ele esteve presente em outras atividades e eventos proporcionados pela universidade, como o “Unifei de Portas Abertas” que recebeu mais de 700 alunos de diferentes escolas e segmentos, desde o ensino fundamental anos finais, quanto alunos do ensino médio.

Além das visitas à universidade, o projeto foi até as escolas da rede municipal e estadual, além de escolas públicas para apresentar a proposta, desenvolvendo oficinas e promover o debate, no que atingiu no final mais de 1.100 alunos. O projeto foi apoiador direto das ações do “Futuras Cientistas” promovido e apoiado pelo Governo Federal e CNPq. Durante as ações, os bolsistas e a coordenação visitaram as escolas da rede pública de Itabira-MG para a divulgação do projeto e a capacitação das estudantes como pode ser observado na Figura 2, com oficinas para a elaboração do currículo lattes e a organização dos documentos necessários para elas pudessem participar da seleção. Desta forma, empoderando as meninas para o engajamento no âmbito das atividades de STEM.

Figura 2 – Capacitação para a participação do projeto
“Futuras Cientistas”



Fonte: Autores (2024)

O monitoramento e a avaliação do impacto do projeto ocorreram de forma contínua e integrada em todas as suas etapas, desde o levantamento inicial até a execução das ações de intervenção. Foram aplicados questionários e realizados registros de participação e coletados feedbacks qualitativos das alunas, docentes e demais envolvidos. O que pode ser percebido é que o projeto gerou um aumento significativo na conscientização sobre as questões de gênero dentro da universidade, procurando ampliar a participação feminina nas atividades de pesquisa e extensão e fortalecendo as redes de apoio entre alunas e professoras. Como implicações futuras, o projeto abriu caminhos para o desenvolvimento de novas iniciativas, como programas formais de mentoria, monitoramento anual de indicadores de gênero e inclusão de conteúdos sobre diversidade e igualdade nas atividades de formação acadêmica e profissional da universidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados alcançados ao longo do desenvolvimento do projeto evidenciam neste presente artigo os avanços na promoção da discussão de gênero na ciência e na engenharia, especialmente dentro do contexto da Universidade. A análise de dados obtidos pelo mapeamento dentro da instituição, revelou a ausência de informações públicas sistematizadas sobre a participação feminina na universidade. Entretanto, foi possível inferir, a partir da análise qualitativa dos eventos institucionais, que há uma presença ativa de mulheres em espaços acadêmicos como simpósios, projetos de iniciação científica e mesas-redondas. Ainda assim, a baixa representatividade feminina nos cursos de Engenharia (menos de 30%

de alunas nas áreas STEM) e nos cargos de liderança acadêmica confirma a persistente disparidade de gênero.

As rodas de conversa ocorridas na segunda fase do projeto foram essenciais para interpelar assuntos críticos referentes à equidade de gênero, abrangendo adversidades encaradas por mulheres em STEM e táticas de empoderamento. Os participantes salientaram a importância desses ambientes para oportunizar reflexões inclusivas e elevar a conscientização sobre a relevância da pluralidade na ciência e engenharia.

As atividades de extensão, incluindo oficinas em escolas da rede pública e participação em eventos institucionais como o “Unifei de Portas Abertas” e o “Futuras Cientistas”, ampliaram o alcance do projeto, atingindo mais de 1.100 estudantes e fortalecendo o vínculo entre universidade e comunidade externa. Tais ações além de ampliarem a visibilidade do projeto, também geraram possibilidades reais para envolver estudantes em debates sobre gênero e ciência.

Como desdobramento, destaca-se a necessidade de continuidade e ampliação dessas iniciativas. Para fases futuras, recomenda-se a criação de um sistema institucional de monitoramento de indicadores de gênero, o desenvolvimento de programas de mentoria, além da inclusão permanente de conteúdos sobre diversidade, equidade e inclusão nos currículos dos cursos de graduação e pós-graduação. Adicionalmente, sugere-se a realização de pesquisas longitudinais que acompanhem o percurso acadêmico e profissional das alunas da Universidade, para identificar fatores que influenciam a permanência e o sucesso das mulheres nas áreas de ciência e engenharia.

É fundamental que as ações feitas pelo projeto sejam ampliadas em programas de longa duração, corroborando políticas de base à continuidade e promoção das mulheres na ciência. Isso engloba a regularização de programações de orientações e de redes de apoio adaptadas à organização estratégica da universidade, buscando afirmar a sustentabilidade e o efeito constante das ações executadas.

A expansão do programa em um ponto de vista internacional e multidisciplinar é outra questão a ser analisada. Colaborações com organizações internacionais que proporcionam igualdade de gênero em STEM podem dignificar as atuações regionais, para além de oportunizar evidência universal às colaborações femininas nas ciências brasileiras.

A título de continuidade da pesquisa, sugere-se que para trabalhos futuros seja abordada a adoção dessas medidas, assim podendo consolidar políticas institucionais mais efetivas e transformar a universidade em um espaço cada vez mais inclusivo, diverso e comprometido com a equidade de gênero.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Universidade Federal de Itajubá- Unifei-Campus Itabira e a PROEX-Diretoria de Cultura e Extensão Social pelo apoio e compromisso contínuo com o avanço científico e tecnológico, viabilizando a participação dos estudantes deste projeto de extensão.

REFERÊNCIAS

CHARLESWORTH, Tessa ES; BANAJI, Mahzarin R. **Patterns of implicit and explicit stereotypes III: Long-term change in gender stereotypes**. Social Psychological and Personality Science, v. 13, n. 1, p. 14-26, 2022.

DA SILVA, G.H.G. **Ações afirmativas no ensino superior brasileiro: caminhos para a permanência e o progresso acadêmico de estudantes da área das ciências exatas**. Educação em Revista-UFMG, v. 35, 2019.

FERREIRA, C. A.; MACHADO, C.V. **Dossiê temático: mulheres e meninas na ciência.** Rio de Janeiro: FIOCRUZ, SUS, MS, 2022. 264 p.: il. color. ISBN: 978-65-87063-12-6.

FLONTINO, S. R. D. **Profissão para homem?: a escolha feminina por cursos de recrutamento majoritariamente masculino na UFMG.** Dissertação (Mestrado), Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-ARRHWD#:~:text=Dados%20fornecidos%20pela%20Pr%C3%B3%20Reitoria, trabalho%3A%20Engenharia%20Mec%C3%A2nica%20e%20F%C3%ADsica>. Acesso em: 15 mar 2025.

FRANCISCO, R. A. A. **Elas nas engenharias: construção da carreira e identidade profissional de mulheres estudantes da UFSC.** Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Centro de Filosofia e e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, 2021. Disponível: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/222089>. Acesso em: 15 mar 2025.

GOHN, M. da G. (Org). **Movimentos sociais no início do século XXI.** 3 ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007.

GOMES. H.; PESSOA. **Meninas Negras na Ciência.** Disponível em: <https://fiocruz.br/documento/2023/04/meninas-negras-na-ciencia>. Acesso em: 18 mar 2025.

GOHN, M. da G. (Org). **Movimentos sociais no início do século XXI.** 3 ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007.

JELIN, Elizabeth; MOTTA, Renata; COSTA, Sérgio (Ed.). **Global entangled inequalities: Conceptual debates and evidence from Latin America.** Routledge, 2017.

KUHM, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas.** 2. ed, São Paulo: Perspectiva, 1987.

SILVA, Fabiane Ferreira da; RIBEIRO, Paula Regina Costa. **Trajetórias de mulheres na ciência: "ser cientista" e "ser mulher".** Ciência & Educação (Bauru), v. 20, p. 449-466, 2014.

SCHWARTZMAN, S. **Notas sobre a feminização do ensino superior brasileiro.** Site, 2025. Disponível em: <https://www.schwartzman.org.br/sitesimon/nota-sobre-a-feminizacao-do-ensino-superior-brasileiro/>. Acesso em: 15/03/2025.

UNESCO. **Women in Science.** Montreal: UNESCO Institute for Statistics, 2018. Disponível em: <https://uis.unesco.org/en/topic/women-science>. Acesso em 15/06/2025.

“GIRLS WITH SCIENCE: ENCOURAGING AND RECOGNIZING WOMEN IN SCIENCE”

Abstract: The work titled "Girls in Science: Encouraging and Recognizing Women in Science" addresses gender disparities in the fields of Science, Technology, Engineering, and Mathematics (STEM), highlighting the low female representation in these areas both in Brazil and worldwide. Supported by statistical data and relevant legislation, the research

REALIZAÇÃO



COBENGE

2025

15 a 18 DE SETEMBRO DE 2025
CAMPINAS - SP

ORGANIZAÇÃO



evaluates the effects of gender stereotypes and social inequalities on women's decisions to enter and remain in scientific and technological fields. Through the **"Girls in Science"** project, new actions were implemented to promote gender equity and strengthen female leadership in science, covering research, teaching, and outreach activities. The results reveal the need for organizational policies to reduce gender imbalances, including monitoring systems, mentorship programs, and the integration of topics on gender disparities into academic curricula. The article concludes that initiatives such as **"Girls in Science"** are essential for broadening female participation in STEM.

Keywords: *Encouragement, STEM, Education, Engineering.*

REALIZAÇÃO



ORGANIZAÇÃO



